

Artigo de 2015, para a AC25A

Título:

MAKA KU MUXIMA – (Conversa com o coração)

Decorria o ano de 1973, quando, pouco tempo depois de ter regressado da Guerra de África - (Angola), alguém tocou à campainha da porta de minha casa, em Lisboa, numa altura em que eu e a minha mulher tínhamos saído. Deixou um disco de música africana intitulado “Maka ku Muxima” (*conversa com o coração*) e disse que mais tarde voltaria para conversar comigo e matar saudades.

Realmente, um pouco antes do jantar dois indivíduos africanos bateram à porta. Eram dois antigos militares que comigo serviram em Angola. Tinham gravado um disco de música africana e vieram oferecê-lo, em Lisboa, ao seu antigo Capitão.

Jantámos em minha casa, ouvimos o disco, matámos saudades, e no decorrer da conversa recordámos algumas cenas por nós vividas, quer durante as operações de guerra, quer nas acções psicossociais de apoio às populações ou nas caçadas que por vezes se faziam para reforçar a alimentação que vinha de Luanda, nem sempre nas melhores condições. Falámos de outros militares que tinham passado à disponibilidade e agora estavam a trabalhar uns por conta própria, outros nas pescas, outros ainda na TAP. Despediram-se prometendo voltar.

Uns anos depois do 25 de Abril de 1974, já em fins de 1977, ainda no posto de Capitão, colocado no Forte do Alto do Duque fui novamente visitado por um desses ex-militares, que era meu afilhado de baptismo e trabalhava na TAP. Informou-me que alguns Alferes tinham regressado a Portugal, no decorrer do processo de descolonização, devido à insegurança criada pela guerra entre o MPLA e a UNITA e que gostariam de se encontrar comigo. Disse-lhe que os procurasse e os trouxesse à minha Unidade para almoçarmos e “matar” mais algumas saudades. Apareceu, no dia seguinte, acompanhado por dois Ex-Alferes que comigo combateram e eram agora “Retornados”.

No final do almoço, esses dois ex-Alferes, já com um *“grão na asa”*, depois de terem desabafado e contado as amarguras por que passaram em Luanda, onde perderam tudo com a descolonização e viram morrer amigos, falaram da sua chegada a Lisboa, do encontro com a antiga família que cá tinham deixado e mostraram-me o seu desgosto e desilusão.

Afirmaram que acreditaram em mim, que sempre foram meus amigos, que tinham muita consideração por mim, pela operacionalidade e camaradagem vivida em diversas acções de combate nas matas de Angola, onde tivemos alguns feridos e mortos. Mas não percebiam nem me perdoavam o facto de eu estar envolvido no 25 de Abril. Disseram-me que os tínhamos enganado, mas que eles já cá estavam, que se estavam a organizar e que *“qualquer dia iam tomar conta disto tudo e vingar-se de*

*nós*". Não valorizei as afirmações e despedi-me, sem contudo ter esquecido esse almoço.

Voltei para o meu gabinete e pensei que tínhamos um Portugal democrático, onde havia liberdade e esperança no futuro. A guerra do Ultramar tinha acabado, as ex-Colónias passaram a Países independentes com quem Portugal continuava a ter boas relações diplomáticas e comerciais. Procurava-se terminar o analfabetismo e investir num ensino moderno com reconhecimento internacional.

Entretanto criámos um bom Serviço Nacional de Saúde, a taxa de mortalidade infantil tornou-se diminuta sendo uma das melhores do mundo. Finalmente, já no último quartel do século XX, as casas passaram a ter electricidade, água canalizada e esgotos. Fizemos autoestradas modernas que possibilitam uma fácil ligação com o interior e com Espanha e através dela com a Europa...

Mais recentemente, a situação do país, que pela sua dimensão e recursos sempre foi vulnerável ao exterior, complicou-se face ao agravamento da situação de crise global de 2008. Crise com vertentes internas e externas que comprometeram e comprometem perigosamente o regime democrático, minando a justiça e coesão social e que têm vindo a destruir alguns dos valores do 25 de Abril.

Assiste-se a um galopante desemprego com dramáticas proporções, ao empobrecimento generalizado, ao alargamento do fosso entre ricos e pobres, ao ataque à educação, ao assalto ao vencimento dos reformados e dos funcionários públicos, à quase destruição do Serviço Nacional de Saúde, à destruição das pequenas e médias empresas, à falta de perspectiva de emprego para os jovens licenciados, à dificuldade de colocação de quadros profissionais que passaram a ser considerados *velhos* por terem mais de 45/50 anos, à conseqüente emigração de famílias, de jovens e de cérebros, à ineficácia na aplicação da justiça, ao desmembramento e desprestígio das Forças Armadas, e ao desrespeito pela História e pela Cultura do País.

Recordando o almoço que em tempos tive com esses dois meus Ex-Alferes e verificando no actual governo, a sua composição, o seu discurso e acção de diminuição do país e dos portugueses, numa lógica moralista e punitiva de negação da história e dos seus actores - os trabalhadores, os funcionários públicos, os militares, o papel de Portugal no mundo - relembro as suas frases de revolta e de ameaça de vingança.

Estaremos perante *retornados* a um pensamento e uma acção política de subjugação de alguns, submissão de muitos e de medo/s de todos?

Estaremos perante o cumprimento de uma promessa imobilista de "*tomar conta disto tudo*" sem uma visão abrangente de futuro para o país?

Não creio que uma perspectiva moderna e democrática para Portugal possa assentar nesses pressupostos. Mas interrogo-me se, quer no plano interno, quer no âmbito das nossas relações externas, não estaremos ainda a *sarar* feridas do Colonialismo e do atraso a que Portugal se conformou, face a uma ditadura que não só o amordaçou como promoveu uma guerra que, em justiça, não deveria nem poderia ganhar.

Não podemos desistir de continuar a construir um País livre e democrático, presente na Europa e no mundo. Um país capaz de criar emprego, assegurar melhor saúde e educação e condições para que as pessoas possam viver com dignidade. Para isso, é forçoso assumirmos as nossas responsabilidades, escolhendo em eleições aqueles que terão de nos governar interpretando os nossos direitos, deveres e ambições enquanto portugueses, na procura firme de um desenvolvimento moderno e sustentável. Implicarmo-nos como cidadãos activos e exigentes na resolução dos problemas do nosso país. Só assim garantiremos a nossa soberania e o respeito pela nossa história.

Vamos, sem medo, defender os ideais de Abril e não apenas os interesses de alguns. Vamos, sem medo, redescobrir e desenvolver o que de melhor existe em nós e no nosso país.

Vamos, sem medo, construir o nosso futuro com dignidade.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 2015

José Marques Gonçalves Novo

Coronel de Infantaria/CEM/Ref